

# Procedimentos discursivos na escrita de Itabaiana/SE: estratégias de seqüenciação de informação

E. A. Barreto & R. M. Ko. Freitag

*Núcleo de Letras, Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade, Universidade Federal de Sergipe,  
49500-000, Itabaiana-SE, Brasil*

*ecciaalecia@hotmail.com*

*(Recebido em 30 de outubro de 2009; aceito em 30 de novembro de 2009)*

---

À luz do referencial teórico do Funcionalismo Lingüístico norte-americano e da Sociolingüística Variacionista Laboviana, analisamos as formas codificadoras da seqüenciação de informação, *então, e, aí* e *depois*, consideradas como variantes, a fim de observar como os fatores lingüísticos e sociais influenciam no seu uso na escrita. As estratégias de seqüenciação são responsáveis por indicar que uma nova informação será introduzida em continuidade com informações já dadas, estabelecendo uma relação coesiva entre um enunciado passado e um futuro. Esses seqüenciadores, como *então, e, aí* e *depois*, entre outros, são encontrados com freqüência na fala, no entanto, nessa pesquisa, tratamos esses elementos lingüísticos que funcionam como estratégias de seqüenciação de informação na variedade de língua escrita de Itabaiana/SE. Utilizamos dados extraídos do Banco de dados do GELINS – Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade. Os resultados obtidos por meio de uma análise quantitativa demonstram que os seqüenciadores de informação, *então, e, aí* e *depois*, são utilizados em contextos sociolingüísticos específicos.

Palavras-chave: Seqüenciação de informação, língua escrita, mudança lingüística.

In this text, we analyzed the variation in use of *então, e, aí* and *depois*, considered as variants in the domain of coding sequence of the information in functionalist and sociolinguistic approaches. Sequencing strategies codify that new information will be introduced in continuity with information already given, establishing a relationship between a cohesive statement past and a future. This sequencing forms – that *então, e, aí*, and *depois* – are often found in speech, however, in this research, we analyzed these linguistic elements in a variety of Itabaiana/SE written language. We use data from the Database GELINS (Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade). The quantitative results point that the sequentiality markers are utilized in specific sociolinguistic contexts.

Keywords: Sequential marker, written language, linguistic change.

---

## 1. INTRODUÇÃO

O caráter de “tessitura” de um texto é conferido dado o uso de recursos coesivos, ou seja, “a coesão como fenômeno diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por meio de recursos lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentido” [1]. Entre esses recursos, estão os conectores seqüenciadores, que funcionam como articuladores textuais. Pode-se considerá-los como variantes do domínio funcional de seqüenciadores de informação, estes que estabelecem uma relação coesiva entre um enunciado passado e um futuro.

Uma das funções dos conectores seqüenciadores é a de gerar, com certa ligação coesiva, a articulação dos segmentos de um texto, seja na organização dos tópicos ou na estrutura frástica. A seqüenciação frástica faz com que “o texto se desenrole sem rodeios ou retornos que provoquem um “relentamento” no fluxo informacional” [1], já que para se ter um texto coeso, é essencial o modo como se trabalha a progressão temática, o que contribui com o uso dos conectores seqüenciadores. As estratégias de seqüenciação de informação são responsáveis por indicar que uma nova informação será introduzida em continuidade com informações já dadas. Ou seja, a seqüenciação indica que o que vem depois no discurso tem a ver com o que vem antes. Esses seqüenciadores, como *então, e, aí* e *depois*, entre outros, são freqüentemente encontrados na fala, e por alguns não serem prescritos nas gramáticas normativas, são

estigmatizados pela sociedade. Devido a este fato, são poucos os trabalhos sobre os seqüenciadores de informação na escrita, objeto deste trabalho.

É correto referir-se ao *e* como uma conjunção aditiva, mas, se analisado em um contexto amplo ou em um recorte maior, também é correto distingui-lo como sendo um marcador discursivo (categoria que está presente na gramática internalizada de cada falante). Para comprovar tal afirmação, analisemos o seguinte recorte:

(1) “(...) A dengue está cada vez mais se aglomerando e se não for tomada uma providencia vai piorrar e de quem será a culpa (...)” (redação 80)

Ao analisar este recorte, podemos perceber que o *e*, além de uma conjunção aditiva, também funciona como um seqüenciador de informação, na função semântico-discursiva de “seqüenciador temporal” [2]. Dessa forma, a conjunção aditiva *e* seqüencializa temporalmente eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo. Esse seqüenciador indica que a informação segue imediatamente uma a outra sem desvio de tópico temático. A partir de análises como esta é que esse trabalho busca analisar os usos de seqüenciadores de informação na língua escrita de Itabaiana/SE. Pretende-se demonstrar que os conectores funcionam como seqüenciadores de informação, portanto, atuando como um elemento coesivo e estão presentes não só na fala, mas também na escrita.

Valemo-nos dos postulados do Funcionalismo Lingüístico norte-americano (com especial atenção às propostas de Talmy Givón) e da Sociolingüística Variacionista Laboviana, em uma abordagem que vem sendo denominada na literatura de *sociofuncionalista*. Essa integração de duas correntes, que até meados da década de 1980 eram desenvolvidas em âmbito separado da lingüística, busca demonstrar que, a explicação acerca dos fenômenos de variação e de mudança oferecida por cada uma dessas perspectivas não são excludentes, o que facilita essa integração. Essas duas teorias destacam a freqüência de uso das formas lingüísticas.

Na perspectiva funcionalista [3], a língua é concebida como instrumento de interação social por meio da qual os falantes desenvolvem competência comunicativa, voltada para o processamento da informação e estabelecimento da comunicação. A gramática é concebida como um sistema adaptativo, emergente, cujas regras são motivadas no contexto comunicativo, baseadas em estratégias e princípios de uso. A partir dessa perspectiva teórica, analisamos a trajetória de mudança dos elementos que funcionam como estratégias de seqüenciação, com vistas a evidenciar a relação entre padrões de uso lingüístico e contexto. Então, o funcionalismo lingüístico está voltado à língua em uso, destacando a associação entre gramática e o discurso: “não há gramática, mas apenas gramaticalização – movimento para a estrutura” [4]. Em outras palavras, a gramática é dinâmica e emergente, por isso pode-se dizer que é resultado da regularidade surgida das forças de uso. Portanto, a gramática nunca se estabiliza, nunca está acabada: ao mesmo tempo em que alcança regularidade pela eliminação de anomalias e variações, emergem novos padrões que introduzem novas anomalias e variações [5]. Podemos dizer que o funcionalismo lingüístico preocupa-se em ampliar os níveis de abrangência da gramática e em prever variações, como no caso dos seqüenciadores, *então, e, aí, depois*, entre outros, que devido ao fluxo de uso, já passaram pelo processo de gramaticalização.

É importante, no âmbito desta pesquisa, definir a função de itens gramaticais e lexicais. Estes fazem referência a entidades, ações, qualidades, incluem-se entre eles nomes, verbos, adjetivos e advérbios. E os itens gramaticais são elementos funcionais que servem para organizar os itens lexicais [2]. Enfim, o percurso de mudança pelo qual passam os marcadores discursivos (como os seqüenciadores), envolve a passagem do léxico para a gramática (gramaticalização) e, desta, para a interação. Ou seja, um elemento, inicialmente lexical, passa a ser usado com função gramatical, podendo assumir também a função de marcador discursivo.

Para estudar os empregos variáveis dos conectores seqüenciadores, nos valem também da Sociolingüística Variacionista Laboviana, na medida em que ela nos permite descrever fenômenos de variação e mudança lingüística e a buscar seus fatores condicionantes. O objeto da sociolingüística variacionista é “[...] a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges,

brincam com seus amigos e ludibriam os seus inimigos” [6]. Ou seja, em toda comunidade de fala são freqüentes as formas lingüísticas em variação, pois as formas mudam gradual e continuamente, podendo assumir múltiplos lugares, o que faz crescer as possibilidades de termos várias formas competindo pelos mesmos lugares. E esse fato está diretamente ligado ao processo de gramaticalização, pois duas ou mais formas passam a atuar na mesma função. As variantes lingüísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável lingüística [7].

No modelo sociolingüístico, a sistematização de dados se processa primordialmente em: 1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade; 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que constituem; 3) análise dos possíveis fatores condicionadores que podem estar favorecendo o emprego de cada uma das variantes; 4) encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade; 5) projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade [7]. Esses indícios de mudança lingüística são buscados pela sociolingüística quantitativa em estudos que envolvem dados do tempo real ou de tempo aparente.

William Labov, nos estudos variacionistas iniciais, realizou uma das principais descobertas da sociolingüística, ao comprovar que diferenças de formas, que eram consideradas imotivadas e livres, têm significados e são condicionadas por fatores sociais. Contudo, a variação é o primeiro estágio da mudança lingüística: surgindo a alternância entre determinadas formas, pode ocorrer mudança no sentido de uma das formas suplantando a outra ou especializar-se em funções e/ou contextos distintos, eliminando-se assim a variação [2]. Então se pode dizer que a sociolingüística variacionista tem como perspectiva estudar diferentes formas concorrendo por determinada função.

Vale ressaltar que os estudos variacionistas têm por objetivo verificar a coexistência de formas em uma mesma função e os estudos da gramaticalização têm por objetivo o percurso de mudança de uma forma individual. Mas, apesar desse viés distinto, nas duas perspectivas, não representa nenhum empecilho para nossa pesquisa, pois “dado o caráter cíclico da gramaticalização, parece não haver contradição em afirmar que a variação é ao mesmo tempo o ponto de partida e o ponto de chegada da mudança lingüística” [8]. Dessa forma, o que vemos é um ciclo contínuo, ou seja, a variação pode ser solucionada devido a uma mudança por gramaticalização sofrida por uma ou mais das formas alternantes.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise das estratégias de seqüenciação na escrita faz uso de 80 redações do Banco de Dados Fala&Escrita do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade, estratificadas socialmente quanto ao sexo, faixa etária e escolaridade, o que subsidia a análise do perfil do informante, pois acreditamos que os seqüenciadores resultam da seleção de algumas formas – os mais freqüentes, os mais evidentes, os mais exclusivos – que simbolizam e funcionam como indícios de pertencimento regional, sexual, etário, entre outros.

A variável dependente é formada pelo tipo de seqüenciador: *então*, *e*, *aí* e *depois*, que são cotejadas quanto às variáveis sociais e lingüísticas *função semântico-discursiva*, *grau de conexão*, *tipo de discurso*, *traço semântico do verbo* e *nível de articulação discursiva*.

As ocorrências foram codificadas de acordo com variáveis lingüísticas e sociais, estas representadas com símbolos pré-determinados pelas pesquisadoras, depois de completa a codificação, passamos para a análise estatística do pacote GOLDVARB X [9]. Posteriormente, o programa executou a combinação das variáveis e deu os resultados de percentagem. Vale ressaltar que as interpretações dos dados são feitas pelo pesquisador, pois as análises estatísticas “são apenas ferramentas para a manipulação dos dados” [10].

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise quantitativa computou 205 ocorrências – 11 de *então*, 160 de *e*, 23 de *aí* e 11 de *depois* (figura 1).

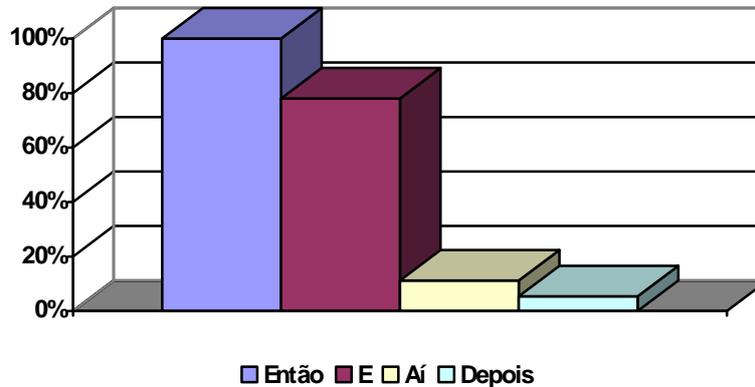


Figura 1: Distribuição dos dados na cidade de Itabaiana/SE

Os elementos *e*, *aí*, *então*, *depois*, entre outros conectam orações ou partes maiores de um discurso, desempenhando a função de elementos coesivos ou também se enquadram na função de seqüenciadores de informação.

Os conectores *aí*, *então*, *e*, *depois* atuam em diversas funções semântico-discursivas tais como: *seqüenciador textual*, *seqüenciador temporal*, *introdutor de efeito*, *finalizador*, dentre outros que não foram relevantes a essa pesquisa, depois de passar pelo pacote estatístico.

A função de seqüenciação textual favorece o maior uso do conector seqüenciador *e*, com a percentagem de 94,7%, e inibe o uso do *então* (1,5%), do *aí* (0,8%) e do *depois* (3%). Dessa forma, pode-se afirmar que o conector *e* assinala a ordem seqüencial das informações dada pelo locutor do texto com maior favorecimento. Entretanto, outras funções também condicionam favoravelmente o uso do conector *e*: introdutor de efeito (74,3%) e finalizador (66,7%) percebe-se ainda que *e* é inibido pela seqüenciação temporal (15,6%). (figura 2).

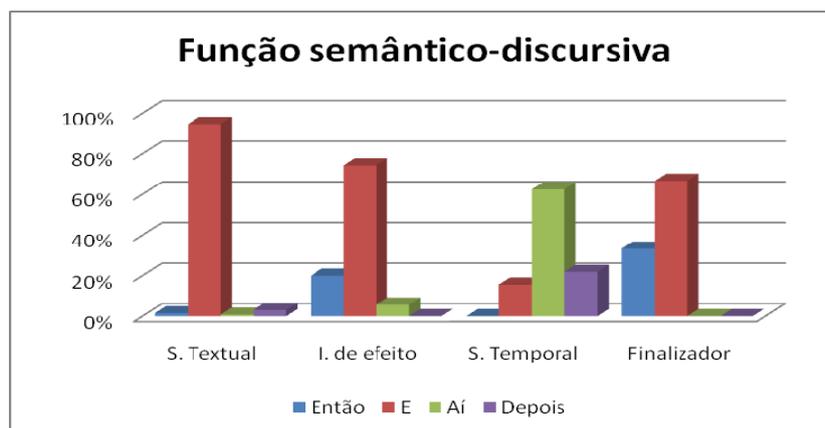


Figura 2: Influência da função semântico-discursiva no uso de então, e, aí, depois

A função de seqüenciação temporal está mais associada ao uso do *aí*, com a percentagem de 62,5%, *depois* (21,9%) e inibe o uso do *e* com 15,6% e do *então* com 0%. Já as outras três funções inibem o uso do *aí*: seqüenciador textual (0,8%), introdutor de efeito (5,7%) e finalizador (0%). Através desses valores numéricos fica comprovado que essa função apresenta o traço de temporalidade maior se comparada com as outras funções e que a seqüencia cronológica na ordem do tempo está correlacionado ao uso do *aí*.

A função de introdutor de efeito está mais associada ao uso do *e* (74,3%) e do *então* (20%) e desfavorece o uso do *aí* (5,7%) e do *depois* (0%). Vale mencionar que essa função é

responsável por indicar sequência cronológica na linha do tempo interligando eventos, sendo o primeiro causa e o segundo consequência. O finalizador favorece o uso dos conectores *então* (33,3%) e *e* (66,7%) e inibe os conectores *ai* e *depois*.

Foram levados em considerações os tipos de discurso narrativos e as argumentativas/dissertativas, estas divididas em explanativas e opinativas. As redações que possuíam uma mistura dos dois tipos de discurso foram rotuladas de híbridas.

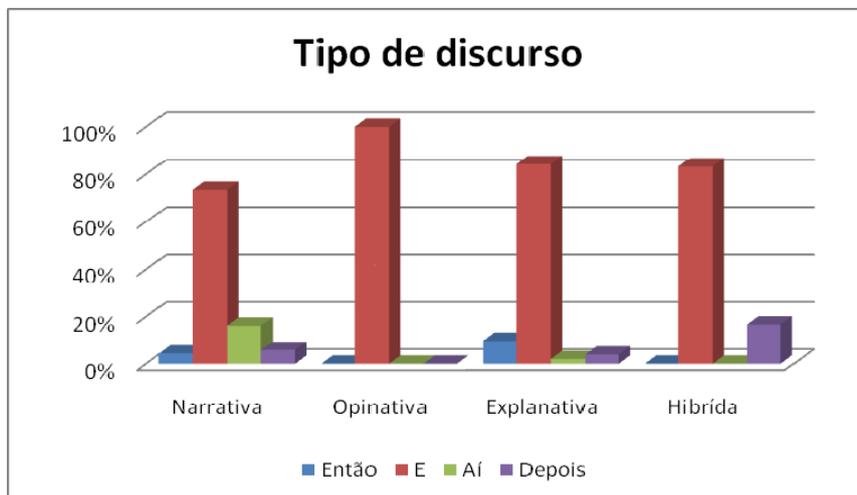


Figura 3: Influência do tipo de discurso no uso do então, e, aí e depois

Os dados da figura 3 apontam que a narrativa favorece o uso do *e* e do *ai*, respectivamente com porcentagens de 73,5% e 16,2 %, em oposição aos conectores *então* e *depois*. Vale mencionar que *ai* é favorecido pela função semântico-discursiva seqüenciação temporal, a qual está ligada a cronologia das informações na linha do tempo, também a narrativa é caracterizada pela seqüencia cronológica, ou seja, “os fatos se desenvolvem progressivamente no tempo e ocorrem em um lugar” [11]. Dessa forma se pode afirma que o favorecimento do tipo discurso está ligado com a função semântico-discursiva.

O tipo de discurso dissertativo opinativo favorece o uso do conector *e*, com ocorrência categórica, e inibe o uso dos outros conectores: *então*, *ai* e *depois*. Sabe-se que os textos dissertativos não tratam de um ser específico como os textos narrativos e que não está ligado com a temporalidade, a partir disso é possível dizer que a inibição do *então*, *ai* e *depois* está ligada a temporalidade. Já que esses conectores, menos o *então*, são condicionados pela função semântico-discursiva seqüenciador temporal. Também as dissertativas explanativas condicionam o conector *e* com o percentual de 84,3%, em contraposição aos conectores *então* (9,8%), *ai* (2%) e *depois* (3,9%). Em meio à codificação das redações que compõem o banco de dados Fala&Escrita do GELINS, foram encontradas redações que não tinham um tipo discursivo definido, apresentando por vezes traços de narrativas e dissertativas, por este motivo a chamamos de híbridas. Estas favorecem o uso dos conectivos *e* (83,3%) e *depois* (16,7%).

Os níveis de articulação podem estar relacionados ao que é denominado de coerência textual. A partir disso consideramos como níveis de articulação discursivos possíveis de serem marcados pelos conectores *então*, *e*, *ai*, *depois* os níveis intertópico, intratópico e inter-oracional.

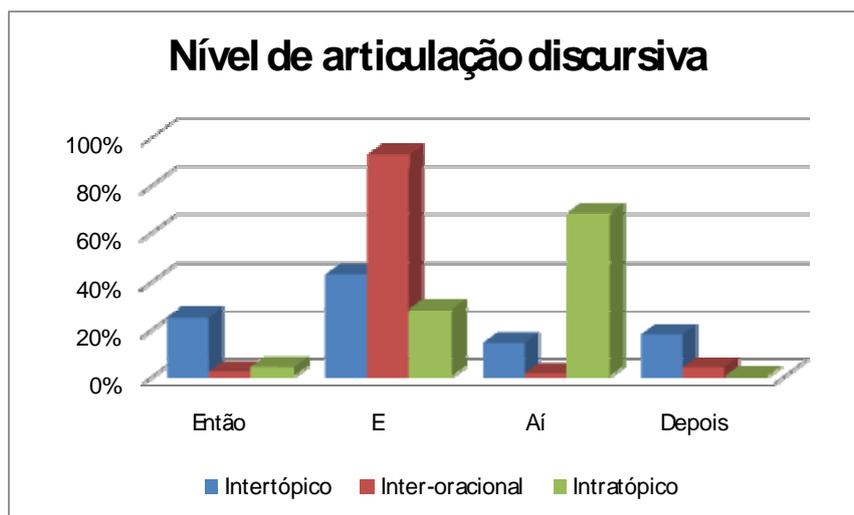


Figura 4: Influência do nível de articulação discursiva no uso do então, e, aí e depois

O gráfico da figura 4 revela que o nível intertópico favorece relativamente os quatro conectivos, *então* (25%), *e* (42,9%), *aí* (14,3%) e *depois* (17,9%), percebe-se certa estabilidade no que se refere a esse nível. O nível inter-oracional favorece o uso do conector *e* com percentual de 92,8% e desfavorece o uso dos demais conectores. Esse resultado pode estar ligado à função semântico-discursiva, pois o *e* é condicionado favoravelmente pelo seqüenciador textual, esta marca a ordem seqüencial das informações, e também o nível inter-oracional, que interliga orações, sendo um processo mais contínuo. Ainda é possível perceber que o nível intratópico condiciona os conectores *e* (28%) e *aí* (68%) e inibe o uso dos conectores *então* (4%) e *depois* (0%). Os resultados referentes aos níveis discursivos evidenciam uma oposição entre o conector *aí*, condicionado pelos níveis mais descontínuos (intertópico e intratópico) e *depois*, *então* e *e*, condicionados pelo nível mais contínuo.

Os graus de conexão avaliam com maior detalhe as continuidades e discontinuidades entre a informação introduzida pelo conector e informações anteriores quanto ao referente do sujeito, tempo, aspecto, localização e ação. Foram relevantes para nossa pesquisa os graus de conexão 1, 2, 3, 4 e 5.

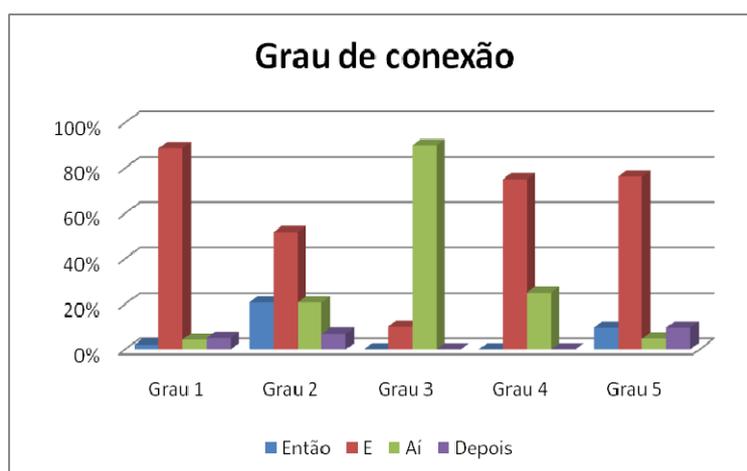


Figura 5: Influência dos graus de conexão no uso de então, e, aí e depois

No gráfico da figura 5, vemos que o grau 1, nível mais alto de conexão e que possui uma maior continuidade do referente, favorece o emprego do conector *e*, com percentagem de 88,7% e desfavorece os demais conectores. O grau 2, nível de conexão marcado por uma pequena ruptura, possuindo o mesmo referente, tende ao emprego dos conectores *então* (20,7%), *e* (51,7%), *aí* (20,7) e ao desfavorecimento do conector *depois* (6,9%). O grau 3 evidencia o uso

do conector *aí*, com percentual de 90% e desfavorece o uso dos demais conectores. O Grau 4 favorece o uso dos conectores *e* (75%) e *aí* (25%) e inibe o uso dos conectores *então* e *depois*. O grau 5, ligado à maior descontinuidade, tende ao emprego do conector *e* (76,2%) e inibe os conectores *então* (9,5%), *aí* (4,8%) e *depois* (9,5%).

Os resultados para os graus de conexão evidenciam que apesar de o *e* favorecer os graus de maior continuidade, como o grau 1, que por vez desfavorece os demais conectores, há uma exceção, pois o grau 5 de maior descontinuidade foi um grande favorecedor para o uso do conector *e*, desfavorecendo os demais conectores. Percebe-se ainda que a maior oposição no que se refere aos graus de conexão é em relação aos conectores *e* e *aí*. Na medida em que o que desfavorece o *e*, ligado à quebra de continuidade, favorece o *aí*, como o grau 3 e vice-versa.

De acordo com o fator traço semântico do verbo, distinguimos os verbos da oração em verbos de ação/movimento, verbos de ação/transformação, verbos de ação/dicendi, verbos de estado, verbos de processo, verbos de processo mental.

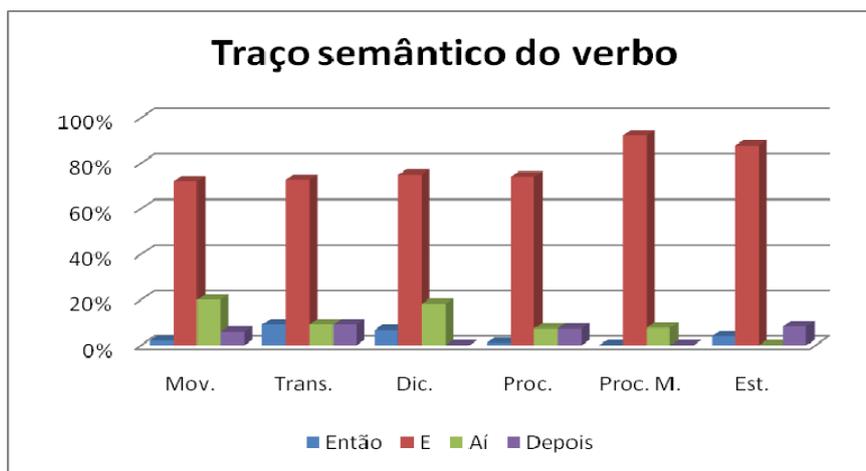


Figura 6: Influência do traço semântico do verbo no uso de então, e, aí e depois

Observando o gráfico da figura 6, percebe-se que o verbo de ação/movimento é favorecedor para o uso de *e* e *aí*, o primeiro com percentual de 72% e o segundo de 20%, os demais conectores são insignificantes neste contexto. Em relação ao verbo de ação/transformação, nota-se que há uma maior ocorrência também do conector *e*, com a percentagem de 72,7% e os outros conectores *aí*, *então* e *depois* são inibidos. Os contextos caracterizados pela presença do verbo dicendi é favorecedor para o uso do *e* (75%) e do *aí* (18,2%). Foi possível perceber com a análise das redações que o verbo *dizer* (verbo dicendi) é frequentemente usado para introduzir um tópico, juntamente com os conectivos *e* e *aí*. O verbo de processo favorece o uso dos conectores *então*, com 11,1%, e *e* com 74,1% os demais são desfavorecidos neste contexto. Em relação ao verbo de processo mental, verifica-se que este favorece o uso do conector *e* (92,3%) e desfavorece o uso dos demais conectores em análise. Os verbos que favorecem o *e* são os de estado, com uma percentagem de 87,8%, em contraposição com os conectores *então*, *aí* e *depois*, que são desfavorecidos neste contexto.

É possível perceber, com a análise do gráfico 6, que o conector *e* ocorre com frequência com todos os tipos de verbos, no entanto percebe-se uma grande ocorrência nos verbos de estado, ação/dicendi e de processo mental. Pode ser que o conector *e* ocorra com mais frequência nos verbos mencionado pelo fato dele ter predominância na função semântico-discursiva seqüenciação textual.

No que diz respeito à influência da variável sexo na escolha de variantes cabe mencionar que muitos estudos sociolinguísticos apontam que homens e mulheres têm diferenças em seu falar. Em nossa pesquisa, apesar de ser na escrita, podemos comprovar que essa diferença, corrobora nossa hipótese, uma vez que mulheres optaram por variantes como o *e* e *então*, já os homens se utilizaram de variantes como *aí*, esta considerada de estigma. Os indivíduos do sexo masculino tendem à utilização do *e*, com a percentagem de 73,5%, do *aí* com 13,7% e os demais com percentuais baixos, *então* 6,8% e *depois* com 6%. Percebe-se que os homens utilizam o conector

**aí**, forma tida como mais estigmatizada, o que comprova os estudos feitos por Fischer [12], no qual ficou comprovado que os homens tendem a utilizar as formas menos prestigiadas. Em relação ao sexo feminino, nota-se uma maior utilização do conector **e** com percentagem de 84,1% e os demais conectores com percentuais baixos, **então** 3,4%, **aí** 8% e **depois** com 4,5%. Nesse caso, os resultados para o fator sexo indicam que as mulheres lideram a forma tida como de prestígio, no caso do **e**. E os homens lideram o processo de mudança em direção ao **aí**.

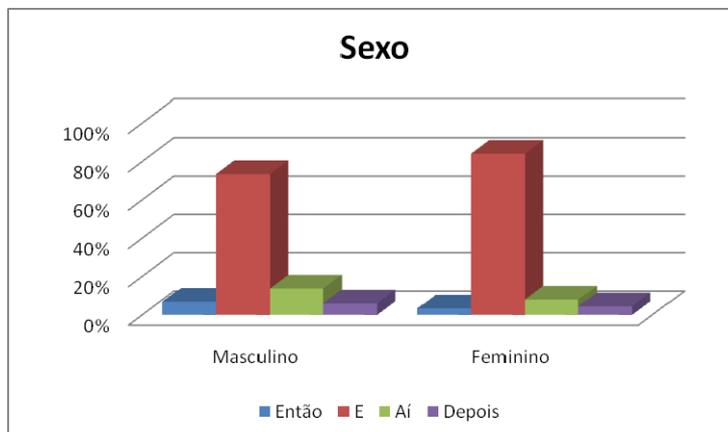


Figura 7: Influência do sexo no uso de então, e, aí e depois

É possível perceber que a escola influencia de certa maneira no estímulo ao uso de formas tidas como de prestígio e desfavorece formas estigmatizadas. Por isso, tínhamos por hipótese que, com o aumento do nível de escolaridade, os indivíduos tendessem a utilizar variantes de prestígio. Em relação à influência da escolaridade sobre o uso dos sequenciadores de informação, percebemos com a leitura do gráfico da figura 8 que, de fato, com o aumento da escolaridade há uma diminuição no uso de conectores estigmatizados, o que confirma nossa hipótese. Os indivíduos pertencentes à quinta série favorecem o uso dos conectores **e** (não estigmatizado), com 67,6% e o conector **aí**, com percentual de 25,7%, este tido como conector estigmatizado. E inibe os conectores **então** e **depois**, respectivamente 4,1% e 2,7%. Em relação à oitava série, percebemos um aumento da utilização do **e** (83,8%), e do **então** (7,2%), já o uso do **aí** (2,7%) comparando com a quinta série nota-se uma diminuição, o que evidencia a influência do fator escolaridade nos usos dos conectores, pois conectores como **aí** são refreados e tidos como vícios de linguagem pelos professores de Língua Portuguesa. No terceiro ano do ensino médio, observa-se novamente o aumento do conector **e**, com percentual de 85%, e do conector **depois** com 10%, ainda percebemos a diminuição do conector **aí** (5%), comparado com a quinta série do ensino fundamental maior. Contudo a comparação entre a influência da escolaridade sobre os conectores **então**, **e**, **aí** e **depois** aponta uma oposição entre conectores tidos como estigma social (**aí**), que predominam na escrita de alunos de quinta série e aqueles de prestígio (**e**) tidos como não estigmatizados, que possui uma maior ocorrência na escrita de alunos do terceiro ano do ensino médio.

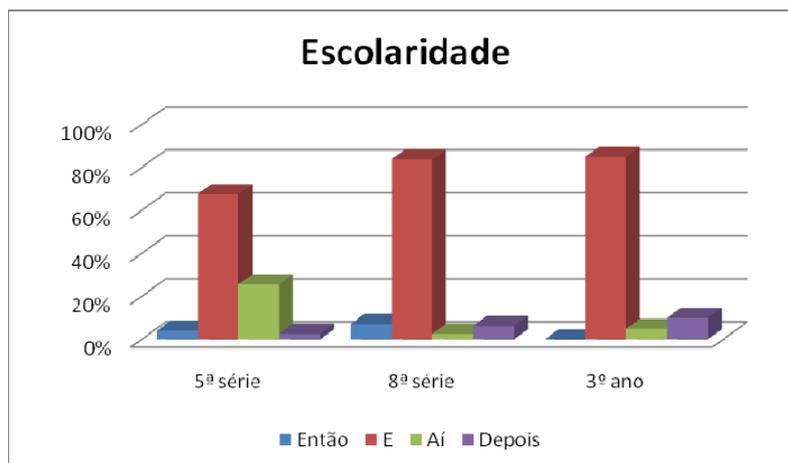


Figura 8: Influência da escolaridade no uso de então, e, aí e depois

Diante dos resultados obtidos, constatamos que os conectores *então*, *e*, *aí* e *depois* apresentam contextos lingüísticos preferenciais. Apresentamos, no quadro 1, uma comparação dos conectores em estudo a partir dos resultados obtidos em relação aos fatores de natureza lingüística.

Quadro 1: Comparação entre então, e, aí e depois quanto aos fatores lingüísticos

Grupos de fatores	Então	E	Aí	Depois
Função Semântico-discursiva Específica	Introdutor de efeito Finalizador	Seq. textual Introdutor de efeito	Seq. Temporal	Seq. Temporal
Tipo de Discurso	Explanativa	Narrativa Opinativa Explanativa Híbrida	Narrativa	Híbrida
Nível de Articulação Discursiva	Intertópico	Intertópico Inter-oracional	Intratópico	Intertópico
Graus de Conexão	Grau 2	Graus 1, 2, 4 e 5	Graus 2, 3 e 4	Grau 5
Traço Semântico do Verbo	Verbo de processo	Dicendi Estado Proc. Mental	Dicendi Movimento	Transformação

Percebemos que, de fato, os seqüenciadores de informação têm os contextos lingüísticos preferenciais. Quanto à função semântico-discursiva percebemos que *aí* e *depois* são favorecidos pela função seqüenciador temporal. Os conectores *então* e *e* beneficia a função introdutor de efeito, ainda o conector *e* favorece a função seqüenciador textual e o *então* condiciona a função finalizador. Em relação ao tipo de discurso, o conector *e* é condicionado favoravelmente pelos quatro tipos de discurso: narrativa, explanativa, opinativa e híbrida. *Aí* favorece o tipo de discurso narrativo, o conector *depois* manifesta tendência a ser utilizado no discurso híbrido, ou seja, nas redações sem um tipo de discurso determinado. O conector *então* favorece o discurso explanativo, uma das modalidades do texto argumentativo.

Levando em consideração a influência dos níveis de articulação discursiva, constata-se que o conector *e* é condicionado favoravelmente pelo nível inter-oracional e intertópico, porém é mais saliente no primeiro nível. O *então* favorece o nível intertópico, o *aí* o nível intratópico e o *depois* o nível intertópico. Em relação aos graus de conexão percebemos que o grau 2 favorece o uso do conector *então*, *e* e *aí*, além do mais o conector *e* também favorece os graus 1, 4 e 5. O *depois* é favorecido pelo grau 5, correspondente a maior descontinuidade do referente. Em relação ao traço semântico do verbo percebemos que o *então* é favorecido pelo verbo de processo, *e* pelos verbos dicendi, estado e processo mental, *aí* pelos verbos dicendi e de movimento e *depois* é favorecido pelo verbo de transformação.

Quadro 2: Comparação entre *então*, *e*, *aí* e *depois* quanto aos fatores sociais

Grupos de Fatores	Então	E	Aí	Depois
Sexo	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
Escolaridade	8ª série	8ª série 3º ano	5ª série	3º ano

Por meio dos resultados para os fatores sociais, podemos perceber algumas tendências de uso em relação aos conectores *então*, *e*, *aí* e *depois*. Os conectores seqüenciadores *então*, *aí* e *depois* são favorecidos na escrita de indivíduos do sexo masculino, em oposição ao conector *e* que é mais freqüente na escrita dos indivíduos pertencentes ao sexo feminino. Em relação à escolaridade, os alunos de oitava série utilizam os conectores *então* e *e*, os da quinta série o conector *aí*, e os alunos do terceiro ano favorecem o uso dos conectores *e* e *depois*.

À medida que estamos analisando um fenômeno de natureza expansiva, podemos salientar que o condicionamento dos fatores lingüísticos e sociais sobre o emprego do *então*, *e*, *aí* e *depois* demonstra um resultado escalar, o qual pode está relacionado com o princípio da marcação. Assumindo este princípio funcionalista, presume-se que as categorias que são mais marcadas/mais complexas tendem a ser menos marcadas na estrutura. Existem três critérios básicos de marcação: a) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a não marcada; b) Distribuição de freqüência: a categoria marcada tende a ser menos freqüente que a não marcada; c) Complexidade cognitiva: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento – que a não marcada [3].

Sendo assim, como podemos perceber com a análise, “o elemento marcado tende a exigir mais memória, mais atenção e mais tempo de processamento, e tende a ser menos freqüente, mais elaborado e/ou mais longo” [2,3]. Com a análise dos dados percebemos que os conectores *então* e *depois* são mais marcados e, por conseguinte menos freqüente em nosso *corpus* (respectivamente 11 e 11 dados). E os conectores *e* e *aí* são menos marcados, dessa forma mais freqüentes (respectivamente 160 e 23 ocorrências). Na distribuição das funções semântico-discursivas, quanto à marcação, constata-se que o seqüenciador textual é a função menos marcada, isso porque indica apenas a cronologia do texto, marcando a ordem seqüencial; já o seqüenciador temporal tem um traço mais significativo quando comparado com o textual, pois ele não só coloca a cronologia do texto, mas também do tempo. O introdutor de efeito é mais marcado, pois se comparado com o seqüenciador textual e temporal, apresenta um maior grau de complexidade. Por fim, o finalizador foi a função mais marcada, pois esta função apresenta o final do tópico ou subtópico e exige uma maior atenção do leitor.

Em relação ao tipo do discurso quanto à marcação nota-se que a narrativa se opõem à dissertativa, a qual se divide em: explanativa e opinativa. Dessa forma, a narrativa é a forma menos marcada, pois esta é menos complexa se comparado aos outros tipos. Ainda em relação a este tipo de discurso, podemos afirmar que os conectores seqüenciadores menos marcados, *aí* e *e*, tendem a beneficiar esse tipo de discurso.

A partir do exposto, podemos perceber que a distribuição dos conectores *então*, *e*, *aí* e *depois* em relação às variáveis independentes lingüísticas e sociais indica que o uso está ligado ao contexto. Em outras palavras, os resultados expostos nos quadros 1 e 2 evidenciam a especialização dos conectores em contextos sociolingüísticos determinados.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para chegarmos aos resultados obtidos, vale destacar que tivemos algumas dificuldades, pois esta pesquisa se insere no âmbito da escrita e o material teórico de apoio tinha como base a fala; por isso, tivemos que adaptar tais estudos à nossa pesquisa, a qual cremos que possa contribuir para as futuras abordagens destes elementos na escrita. Podemos ainda mencionar que as variáveis que analisamos podem denotar um dos processos de gramaticalização pelo qual passam os conectores *então*, *e*, *aí* e *depois*. Também constatamos que o uso do fenômeno em

análise está relacionado ao condicionamento de fatores lingüísticos e sociais, o que evidencia um fenômeno de variação lingüística. Vale mencionar que em outra investigação vinculada ao mesmo projeto [13], os resultados também comprovam a influência dos conectores sequenciadores em relação às variáveis lingüísticas e sociais, indicando que o uso está ligado ao contexto, sofrendo por vezes variações.

- 
1. KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo, Contexto, 2008.
  2. TAVARES, Maria Alice. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação do Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999, 173 p.
  3. GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins Publishing, 1995.
  4. HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society* 13:139-157 (1987).
  5. LICHTENBERCK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins 1991, p. 37-79.
  6. LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo, Parábola, 2008.
  7. TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 2006.
  8. CASTILHO, A.T. A gramaticalização. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*, 19:25-64 (1997).
  9. SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics of University of Toronto, Department of Mathematics - University of Ottawa, 2005.
  10. VALLE, Carla Regina Martins. *SABE? ~ NÃO TEM? ~ ENTENDE?: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivos*. Dissertação do Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001, 186 p.
  11. TERRA, Emani; NICOLA, José De. *Português: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo, Scipione, 2004.
  12. PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (eds.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo, Contexto, 2004, p. 33-42.
  13. SANTOS, J. C. *Estratégias de sequenciação na fala de Itabaiana/SE*. Relatório de Iniciação Científica UFS/PIBIC/CNPq. Universidade Federal de Sergipe, 2009, 21p.